

## Nuevo Mundo, 2019

Iracema Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio aborda aspectos relativos à formação de nossa percepção e certas relações entre artes visuais e cartografia. Através da exposição da obra *Nuevo Mundo, 2019*, este trabalho discute modos de fazer e a formação de nosso pensamento na atualidade.

**Palavras-chave:** Artes visuais e cartografias; artesanatos e contemporaneidade; relações entre forma e processo.

## Nuevo Mundo, 2019

**Resumen:** Este ensayo aborda aspectos relativos a la formación de nuestra percepción y ciertas relaciones entre artes visuales y cartografía. A través de la exposición de la obra *Nuevo Mundo, 2019*, discute modos de hacer y la formación de nuestro pensamiento en la actualidad.

**Palabras-clave:** Artes visuales y cartografías; artesanías y contemporaneidad; relaciones entre la forma y el proceso.

## New World, 2019

**Abstract:** This essay addresses aspects related to the formation of our perception and certain relationships between visual arts and cartography. Through the exhibition of the work *Nuevo Mundo, 2019*, it discusses ways of doing and the formation of our thinking today.

**Keywords:** Visual arts and cartography; crafts and contemporaneity; relations between form and process.



DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.25221>

**Como citar este ensaio:** Barbosa, I. (2019). Nuevo Mundo, 2019. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 2 (4), 126-131. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.25221>

**Recebido:** 22 de julho, 2019. **Aceite:** 16 de agosto, 2019. **Publicado:** 01 de outubro, 2019.

<sup>1</sup> Doutora em Artes Visuais pela Université Rennes 2, França.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3343-322X>. Email: [iracema.barbosa.arte@gmail.com](mailto:iracema.barbosa.arte@gmail.com)

*Do rigor da ciência*

... Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. (...) (Suárez Miranda, *Viajes de varones prudentes, Libro IV, cap. XLV, Lérida, 1658*).

feita pela a própria artista sobre trabalhos que realiza, como é o caso aqui deste *Nuevo Mundo*, 2019.

Ainda assim, gostaria de abordar alguns aspectos relacionados ao conhecimento que se produz a partir de cada experiência sensível com mundo no qual estamos inscritos, e de como quando organizamos nossos pensamentos.

As primeiras experiências que temos no mundo, a partir das quais nossos pensamentos são

**Figura 1** – Detalhe da obra *Nuevo Mundo*, 2019



Fonte: Iracema Barbosa, 2019

Trazer parte da fantástica ficção de Jorge Luis Borges não é apenas posicionar a beleza do pensamento de um escritor genial na primeira linha, nem visa tampouco seduzi-los a ler este modesto ensaio. O que se pretende é valorizar aquilo que experimentamos, que, ao mesmo tempo, forma nossa noção de mundo e nos constitui.

Na universidade de Brasília, a pesquisa que venho realizando concentra-se sobre escritos e ditos de artistas, ou seja, sobre o que os artistas falam e escrevem em relação a seus modos de produzir suas obras e inseri-las no mundo fora do ateliê. Tais discursos expõem pensamentos que, na maioria das vezes, estão invisíveis nas obras. As narrativas dos artistas evidentemente dialogam também com a crítica, com a história, com a teoria da arte, assim como com outros domínios de conhecimento, tais como a Geografia.

Apesar da minha formação primeira na Geografia, a fala que expresso aqui é da artista visual, que associa alguns modos de fazer e de pensar sobre este fazer. Evidentemente, este discurso carrega as contradições de uma reflexão

construídos, dão-se através dos sentidos : a visão, os sons, as diferentes texturas e sabores... Quero dizer, a compreensão primeira que temos do nosso entorno (desde o nascimento até mais ou menos a alfabetização), das distâncias e proximidades, dos limites, dos percursos e trajetórias do nosso corpo no espaço, das qualidades táteis das diferentes superfícies, das densidades e intensidades dos contatos e das experiências vividas, assim como todas as demais associações que fazemos entre as coisas do mundo e nosso próprio corpo, obviamente não são apreendidas por meio da palavra escrita.

Depois de alfabetizados, as inteligências visual, auditiva, tátil são, de certo modo, inibidas. Essas primeiras sensações-concepções que temos do mundo vão sendo encobertas por uma avalanche de informações e ideias construídas em nossas culturas, espécies de grades de conhecimento criadas para nos « ajudar » a lidar com o caos da realidade. Este saber primeiro fica adormecido, submerso, arquivado dentro de nós. E

Figura 2 – Início do trabalho no ateliê



Fonte: Iracema Barbosa, 2019

é somente com trabalho árduo, no embate do próprio fazer, que os artistas resgatam aquelas percepções primeiras, aqueles entendimentos originais - realizando seus poemas ou ficções, músicas ou obras visuais - associando-os aos conhecimentos e às informações culturalmente incorporadas.

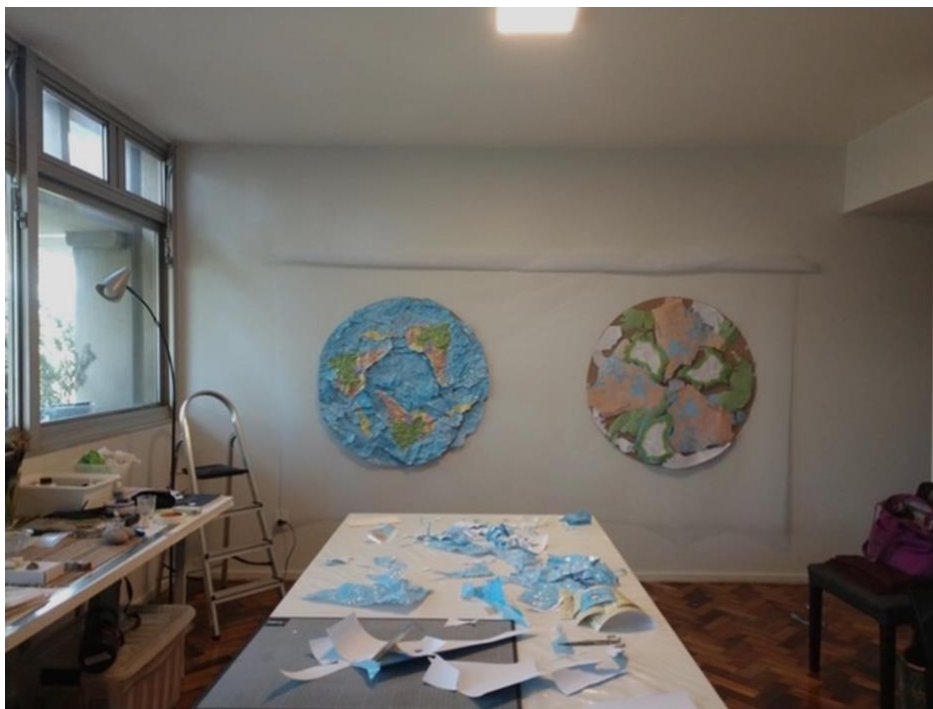
Nas artes visuais, desde meados do século XX, já não importa se usamos imagens reconhecíveis ou não, se a arte é figurativa ou abstrata, se trabalhamos com signos, palavras, imagens, ou simplesmente com manchas de cor. Operamos com essas visões e experiências primeiras, reunindo experiências táteis, visuais e/ou sonoras (indissociáveis de nossa imaginação), num processo que costura o que aprendemos em casa, na rua, na escola, nas viagens e/ou nos sonhos. Os materiais com que trabalhamos se nutrem de tais visualidades. E é também esta visualidade poética que nos torna humanos!

A obra que apresento nasceu com o título « Do mundo nada se leva », numa referência explícita ao filme do diretor Frank Capra (*You can't take it with you*, 1938), associada aqui à voracidade com que a América Latina é ocupada e explorada, desde os primórdios de sua « descoberta », por nossos ancestrais europeus. Durante a feitura deste trabalho, encontrei também nos mapas uma legenda que discriminava as línguas faladas em toda a América e, nesta ocasião, surgiu um outro título :

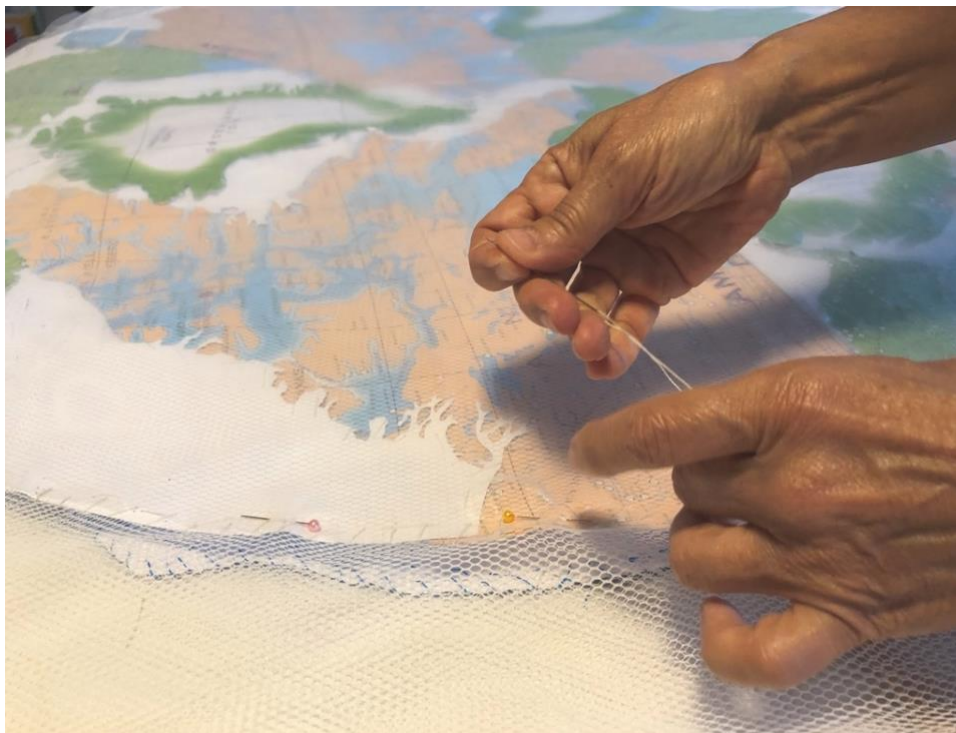
« Uma mera questão de boca e língua », sugerindo uma reflexão sobre os tantos povos, também nossos ancestrais « desta terra », com suas centenas de dialetos e Línguas faladas nas Américas, bem antes da chegada dos europeus. Mas, finalmente, prevaleceu o nome que considerei visualmente mais amplo, mesmo se também carregado de valores culturais e simbólicos: *Nuevo Mundo*, 2019.

Já há 30 anos meu trabalho aparece em diálogo com a pintura, uma pintura visual, é obvio, mas também tátil! *Nuevo Mundo*, 2019, é uma espécie de pintura discursiva, pois parte da imagem de um Mapa das Américas, carregando suas histórias e metáforas poéticas. Mas também parte de uma materialidade específica - papel grosso, brilhoso, desses mapas desproporcionais aos territórios que representam, coloridos em cores vibrantes, que associei à aspereza alveolada da tule branca, superfície nem tão rígida, nem tão flexível assim. É simplesmente um trabalho de arte realizado em papel e tecido, que surge a partir da costura com fios e linhas, como outros que venho fazendo nos últimos anos.

O prazer é obtido a partir de um fazer transformador, que acompanha nossa história ancestral e a própria inteligência humana. Existe o prazer de fazer com as mãos, em proximidade e diálogo com as coisas, com os materiais. Todo esse prazer pode resultar em objetos belos e bem-acabados, ou mesmo com um aspecto visualmente

**Figura 3** – Montagem da obra no ateliê

Fonte: Iracema Barbosa, 2019

**Figura 4** – Detalhe da confecção da obra

Fonte: Iracema Barbosa, 2019

de inacabado que, na atualidade, expressa o aspecto transitório de nossa existência, algo em transformação, em mudança, em processo de.

A utilização da costura tem se mostrado de fato presente na arte contemporânea, inclusive no

Brasil (ver Lima, 2016). Mas, além disso, a linha, e sua importância na constituição de nossa humanidade, é também objeto de estudo da Antropologia. Alguns desses aspectos são abordados no texto maravilhoso de Tim Ingold,

nesta bibliografia.

O ato de costurar muitas vezes envolve o uso da linha. Linhas que são fios, tecelagens e bordados, que sempre pertenceram aos universos masculino e feminino. Mas a palavra linha tem muitos outros usos e significados. Linha como movimento. Linhas retas, linhas curvas. Linha como escrita. Linha para expressar a noção de passagem do tempo e de evolução, tão utilizada na cultura ocidental (Ingold, 2011, p. 9). Linha para delimitar territórios, percursos, e nossas experiências de transformação. Linha para redes de caça, de pesca, para amarrar cabanas, para tecer nossas roupas, desde os primórdios da humanidade. Linhas fragmentadas ou que indicam a fragmentação de superfícies. Enfim, as linhas, longe de pertencerem a um universo estereotipado de um passatempo feminino, são também carregadas de significados históricos e culturais. Em suas reflexões modernas na Bauhaus, o artista Paul Klee já havia falado sobre a linha como algo dinâmico e temporal. Também para a História da Arte a relação entre linha e superfície é questão teórica bastante antiga, desde os primeiros registros de nossos ancestrais nas pinturas pré-históricas.

Mas, neste texto, não tenho por objetivo dar explicações funcionais para a utilização da linha neste *Nuevo Mundo*, 2019. Quis apenas trazer à memória do leitor os múltiplos usos da palavra/objeto linha.

Meu processo de trabalho envolve materiais tradicionais da arte e associações com materiais contemporâneos e da vida cotidiana. Um modo de fazer que, se quisermos determinar sua origem, vem do início do século XX, com as assemblages de Picasso, e que se intensificou nas artes após os anos 1960.

As ações de fazer, desfazer e refazer uma forma configuram um processo que envolve relações entre fragmentos de alguma totalidade e a reorganização de elementos autônomos.

Este processo se dá no contato direto com o material, e é mais importante do que qualquer projeto inicial. A forma do trabalho é intuída, mas não é projetada com precisão. Não há uma regra a priori, mas há protocolos que se criam durante o próprio fazer. De modo que é cortando, rasgando, amassando, reunindo, costurando que realizo objetos, instalações, desenhos.

Há quase 20 anos venho costurando papéis, madeiras e tecidos com linhas diversas. O fato de trabalhar de modo artesanal, e com minhas próprias mãos (e não delegando a costura a outra pessoa), expressa um posicionamento político em relação a nosso mundo, cada vez mais acelerado e virtual, que vem nos tirando, ao menos por enquanto, o tempo e a experiência direta, viva, material e prazerosa com as coisas e entre as pessoas. Faço assim não apenas pelo prazer ancestral da transformação do material, mas devido ao valor que dou ao silêncio, à reflexão, à meditação, à presença física dos encontros e à duração necessária para vivermos nossas experiências.

*Nuevo Mundo*, 2019 trata das mesmas questões que me mobilizam desde sempre: como fazer, agir, pensar, associando o que é construído, registrado, histórico, à presença viva da experiência atual?

Interessa-me também a associação entre a fragilidade orgânica aparente de certos materiais e as estruturas fortes e definidas da « obra final », o que me traz lembranças das antigas construções improvisadas nas favelas da cidade do Rio de

Figura 5 – Obra final



Fonte: Iracema Barbosa, 2019

Janeiro.

Mas a costura deste *Novo Mundo*, 2019 não forma uma imagem abstrata, simplesmente com cores e linhas e sua composição, duas bolas dentro de um retângulo. Ela carrega informações cartográficas, políticas, narrativas, históricas, folclóricas, e até esotéricas (essas duas bolas poderiam ser vistas como mandalas). É uma costura que opera também com estereótipos - o dourado da « moldura » dos quadros e mapas, a exploração do ouro na América Latina, ou simplesmente o dourado espetacular das fantasias de Carnaval. Propõe uma evidência sobre o lugar político dos mapas, que hierarquizam e são comprometidos com diferentes narrativas (bélicas, históricas, políticas, folclóricas, etc.). *Novo Mundo*, 2019 é também uma imagem comprometida com o lugar social das representações que se cria do mundo em que vivemos.

Todos os meus trabalhos carregam o desejo de reunir coisas distintas. Eles buscam reunir pensamentos construtivos, históricos, com as instabilidades das experiências da vida. Buscam unir coisas que, na cultura ocidental, aprendemos a separar: tanto noções, quanto diferentes fazeres. Percebo também que há uma intenção de desfazer, de desconstruir « grades de pensamentos ». Acho que o que nós, artistas, buscamos evidenciar é esta abertura de possibilidades de modos de pensar e de agir.

Porque não somos máquinas, nem somos virtuais!

Não podemos nos livrar desta condição do corpo vivo, animal, e como se diz na língua francesa: *il faut faire avec*. Somos humanos, pensadores, e podemos viver conscientes de nossos passos, caminhos, com tudo de bom e difícil que tal consciência nos traz.

Somos seres sensíveis, corajosos, mas também com muitos medos. E, talvez por causa desses medos, somos armazenadores, territorialistas e vorazes. Penso que, dentre nossas prioridades atuais, estaria repensar escolhas, organizações, desejos de propriedade e ganâncias.

Não estamos mais tão seguros das noções que aprendemos em « nossa cultura ocidental », das separações e hierarquias que criamos e dentro das quais operamos. Não seria fundamental reunirmos, questionarmos, o que sabemos com o que intuimos no presente, a partir da experiência viva e atual?

E isto não diz respeito apenas a conceitos dentro da Arte, sobre o que é hoje pintura, desenho ou escultura – estes questionamentos também dizem respeito aos nossos modos de organização espacial.

Mas este é o objeto de estudo de vocês, caros Geógrafos!

*A Geografia é uma imitação da pintura da Terra inteira, escreveu Ptolomeu. Ou, como retomará Joan Blaeu, autor de uma dos maiores Atlas do século XVII, « a Geografia é o olho e a luz da História ». Um olho imenso, em escala planetária, (...) o todo do mundo e seu detalhe infinitesimal seriam as duas pulsões fantásticas originais de um saber do mundo que leva a viagem, a errância e a descoberta. Um saber de Icaro se quisermos, onde se costumam ligações internas entre a cartografia e a arte (...)» (Buci-Glucksmann, 1996, p. 51).*

## Referencias Bibliográficas

- Borges, J. L. (1999). *Obras Completas volume II, 1952-1972*. São Paulo: Editora Globo.
- Buci-Glucksmann, C. (1996). *L'oeil cartographique de l'art*. Paris: Editions Galilée.
- Colombo, C. (1998). *Diários da Descoberta da América*. Porto Alegre: L&PM.
- Harari, Y. N. (2018). *Sapiens, Uma breve historia da humanidade*. Porto Alegre: LP&M pocket.
- Harmon, C. (2004). *Personal Geographies and others Maps from the Imagination*. New York: Princeton Architectural Press.
- Ingold, T. (2011). *Une brève Histoire des Lignes*. Bruxelas: Zones Sensibles.
- Jacob, C. (1992). *L'empire des cartes, approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Editions Albin Michel.
- Lima, G. (2016). *Sobrepanos, 60 pontos na arte brasileira*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Seemann, J. (2013). *Carto-crônicas, Uma viagem pelo mundo da Cartografia*. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- Tiberghien, G. (2001). *Lettres a Alexis sur l'idée du bord. Les Carnets du Paysage (Vol. 7)*. Versailles: Ecole Nationale Supérieur du Paysage.

## Notas

<sup>i</sup> Obra apresentada na sala de entrada do Instituto de Geografia da Universidade da Autónoma do México, em abril de 2019, é minha declaração de amor à América, apesar de tudo o que vivemos.

<sup>ii</sup> « La géographie est une imitation de la peinture de toute la terre » écrivait Ptolémée. Ou plutôt, comme le reprendra Joan Blaeu auteur d'un des plus grands atlas du XVIIe siècle, « la géographie est l'oeil et la lumière de l'histoire. » Un oeil immense, à l'échelle planétaire, (...) le tout du monde et son détail infinitesimal seraient les deux pulsions fantasmagiques originaires d'un savoir du monde qui pousse au voyage, à l'errance et à la découverte. Un savoir icarien si l'on veut, où se tissent les liens internes entre cartographie et art. (...) » (Buci-Glucksmann, 1996, p. 51).